

ROBERTO CONDE, GUIONISTA, REALIZADOR E COPRODUTOR DO "GRAN COMPADRE"

## “Existe um fundo ideológico marcado no Gran Compadre”

De um tempo para cá, a mocidade galega dispom do seu próprio ‘reality show’ cibernético. Se bem protagonizado por atores e atrizes inspiradas em perfis comuns na nossa juventude, o ‘Gran Compadre’ experimentou um notável sucesso no nosso país nos últimos meses. Sob um manto de inocência, esconde-se um projeto audiovisual cheio de irreverência e inconformismo, que vem de escolher, através dos votos da audiência, a sua personagem ganhadora. Conversamos com Roberto Conde, diretor, guionista e coprodutor do programa.

Sem dúvida, o Gran Compadre causou sensação nos últimos tempos entre certos setores do país. Como surgiu a ideia e que pessoas estais por trás do projeto?

Até esta entrevista no NOVAS DA GALIZA, os criadores do Gran Compadre estivemos na sombra. Queríamos que o espetador se perguntasse quem estava por detrás do projeto e mesmo que desconfiasse do mesmo, sobretudo por se tratar dumha série política. Nom dizemos quem está para que os espetadores poidam apropriar-se da ideia (e, por exemplo, criem os clubes de fans dos concursantes, algo que nos apanhou por surpresa) e, portanto, o seu compromisso com o Gran Compadre seja maior. Dito isto, as pessoas que estamos no Gran Compadre somos um grupo díspar de profissionais do audiovisual que partilhamos umha visom crítica da realidade e, nos últimos meses, também partilhamos o desemprego, a emigração ou a precariedade. Luitamos desde a trincheira cultural contra o poder estabelecido e o orçamento do Gran Compadre foi de 300 euros, umha quantidade que conseguimos por um prémio a umha curta-metragem sobre o galego no certame “24 horas galego full screen”.

Em que medida refletem as e os participantes a realidade sociológica da mocidade galega? Essa era a ideia, que a mocidade galega se visse refletida nos seis concursantes. Procuramos seis perfis políticos que estivessem



REUNIOM MATINAL NA SOLAINA DA CASA  
De esquerda a direita: Iván (som), Ana (produçom), Olmo (cámara), Borja (ajudante de direçom), Roi (cámara e 'community manager'), Roberto (guiom e realizaçom)

muito marcados e que a audiência pudesse identificar com facilidade, a ideia era abranger o maior espectro possível.

**Ao lançardes o projeto, movevos algunha motivaçom sócio-política ou foi concebido como um simples divertimento para vós e para o público?**

Claro que existe umha motivaçom política. Que fagamos umha comédia de nós mesmos como sociedade e do nosso país, nom significa que nom sejamos conscientes de que vivemos num lugar onde as pessoas som vigiadas e detidas pola sua ideologia política, onde som criminalizadas por defenderem a sua língua ou onde a violência patronal está à ordem do dia. Creio que está bastante claro que existe um transfundo ideológico muito marcado no Gran Compadre ou, polo menos, essa era a intençom. É por isso, que empregamos desde o começo a frase do maio francês: “Tomemos a sério a revoluçom, mas nom nos tomemos a sério a nós mesmas”.

**Personagens como Moncho ou Marta están a se fazer com legions de seguidores entre o público. Até que ponto o perfil das concursantes se corresponde com a personalidade real dos atores e atrizes? É o Gran Compadre um reality show ou umha fiçom teatral?**

A personalidade real dos atores nom se corresponde em absoluto com a dos personagens aos quais dam vida. Bom, há algum que se parece um pouco, mas muita gente ficaria surpreendida se conhecesse como som na realidade os atores que dérom vida às personagens.

Existia um guiom, sim, mas este estava aberto à improvisaçom dos atores pois, por umha banda tinham que parodiar o personagem e a ideologia que representavam e pola outra tinham que competir entre eles para conseguir o favor do público. Deste jeito conseguiu-se que os atores nom estivessem simplesmente representando algo previamente escrito num guiom. Fôrom conscientes de que as sequências estavam vivas e que tinham total liberdade para moldeá-las.

**Que reaçons chegárom a vós por parte do público em geral? Recebestes algum tipo de oferecimento por parte dalgumha entidade comunicativa?**

A reaçom por parte do público foi genial. Por umha banda queríamos chegar a um setor juvenil politizado com um humor tranqueiro muito na linha do programa e por outra a pessoas que a priori nom estariam interessadas em conteúdos audiovisuais políticos. Mas ao empregar um formato facilmente reconhecível como é um reality show o

caminho fijo-se muito mais fácil e conseguimos enganchar muita gente. A natureza do Gran Compadre é independente e subversiva e, portanto, o seu lugar estava na rede. Pois a liberdade criativa que temos nom a atoparíamos nos meios comerciais ou institucionalizados do país. Mas também é certo que o primeiro meio em mostrar interesse polo programa foi a Televisión de Galicia, justo o dia depois de emitirmos o primeiro programa solicitárom fazer umha entrevista aos criadores.

**Gostarias de lhe dizer algunha cousa ao vosso público através do NOVAS DA GALIZA?**

O Gran Compadre quer dizer duas cousas: Para o atual Diretor Geral de Juventude e Voluntariado, Ovidio Rodeiro, as políticas de juventude reduzem-se às tramitaçoms do Carné Xove, a organizar encontros de Boy Scouts, acampamentos de verao, e fazer cursos de inglês sem nengum tipo de direçom estratégica. Nom está à altura da mocidade galega. Aguardamos que a proposta do Gran Compadre lhe permitisse algum tipo de reflexom. E no que diz respeito à audiência, O Gran Compadre tem umha mensagem clara: deixai de ver o Gran Compadre e saide à rua para lutar polos vossos direitos, que passando o dia no facebook nom vamos arranjar nada!

Samuel L. Paris

### MATAR UM PRESIDENTE

Quando a primavera abre em oito e quando a diversão a garante o Estado (escusatio). Este poderia ser o teu último segundo, menos se és Obama e ainda nom chegou o teu cumshot pré-natal. Quando por fim chova ordenadamente e a água caia compassadamente, será que estamos a melhorar.

Evaldo corre pola banda. Evaldo arriba. Evaldo abaixo. Evaldo freia a diarreia de repente. Evaldo pensa que é um engenhoso produto do futebol moderno. Evaldo autoconsciente em espiral. Evaldo é o cume dum progresso estúpido. Nom sabemos o nome das árvores das ruas: estamos malformados. O sol bate contras as folhas ainda húmidas (arritmia) e a energia potencial monta o seu full de negros. Vai ser que pensamos demasiado no sozinhas que estamos.

Nos EUA matam presidentes. Nos EUA (ponhas como te ponhas) matam presidentes. McKinley nom aceitou que Czolgosz o convidasse a dançar. Chachachá? Rataá!

Pixelar os mamilos. Pixelar as pipolas. Pixelar o tabaco.

Nos EUA passam o dia no mall. Aqui pomos cancelas ao mar. Nos EUA (subnormal) poderias passar o dia baixo teto. Como vam saber se estamos a melhorar? A chuva cairá desordenada nos telhados ianques? Nos EUA (hamburguesia) tu serias negra e viverias fora da realidade.

Guaicaipuro nom penses que o passou mui alá. Urquia estava de festa quase todo o dia. Os Latin Kings nom sabem latim. A Yakuza nom se lava no ducho. O Estado protege-te: deixa a um lado a morte.

A rессaca escapou à diatribe público-privada e nunca no-la roubarám.

O Estado nada de costas polas cloacas o inseto. As tartarugas eram orientalistas, mas também eram mutantes já muito antes. Nos EUA há cérebros dentro de robots enormes e os cérebros som rosas e tenhem bocas e unhas maos pequeninhas mui válidas para manejar robots enormes. Nos EUA, às vezes, há kingkongs que che rebentam o escapate e nom penses que lhes importa aos do conelho...

Se as ideias fossem cobre...

Nos EUA matam presidentes. A religiom era morte: a épica. A política era a vida: a lírica. Nos EUA som de prosa. Aqui nem se ensaia.